

QUEM MEXEU NO MEU FACE? Uso e percepções de segurança no *Facebook*, por crianças e adolescentes.¹

Dayse Rodrigues de Oliveira²
Deise France M. A. Ferreira³

Resumo

O presente artigo buscou investigar como crianças e adolescentes utilizam o *Facebook* e quais os seus conhecimentos sobre segurança nessa rede social. A pesquisa foi realizada com 20 alunos de uma escola pública, do Recife, na faixa etária de 9 a 14 anos. Utilizamos como instrumentos de coleta de dados o questionário *online* e a observação. Os dados apontam as opções *bater papo com alguém* e *jogar online* como as ações preferidas pelos sujeitos. Em relação aos conhecimentos sobre segurança, 80% dos alunos desconhecem a maioria das opções de privacidade disponíveis no *Facebook* e a orientação recebida pela família é superficial e insuficiente. Os resultados evidenciam que, embora possuam habilidades técnicas para utilizar a rede social, os jovens necessitam de maturidade e orientação suficiente para lidar com os perigos da internet.

Palavras-chave: *Facebook*; Crianças; Adolescentes; Segurança.

Introdução

As mudanças promovidas pelo advento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's), bem como da internet, provocaram transformações importantes no modo como as pessoas se relacionam e se comunicam. As tecnologias cada vez mais rápidas e convergentes acoplaram diversos meios de comunicação em um único aparelho ou mídia, o que possibilitou a troca cada vez mais rápida de informação e a ampliação de relacionamentos no ciberespaço. Esse local cada vez mais permeado por uma cultura própria e interacional, tem despertado o interesse de pessoas de todas as partes do planeta, com objetivos diversos e ao mesmo tempo, comuns.

Por possuir características como a descentralização e a horizontalidade, as redes sociais se transformaram em locais privilegiados de interações virtuais. Com diferentes

¹ Artigo apresentado no Eixo 7. Redes sociais na Internet e Sociabilidade online do VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura, realizado de 20 a 22 de novembro de 2013.

² Universidade Federal de Pernambuco.

³ Universidade Federal de Pernambuco.

fins, que vão desde relacionamentos pessoais até corporativos, elas têm atraído um grande público, de faixas-etárias e interesses mistos. O *Facebook* tem sido apontado como a rede social mais utilizada pelos jovens - conforme a pesquisa *TIC Kids Online Brasil 2012*⁴, realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil - apontando 61% de incidência entre os usuários de internet que afirmaram possuir um perfil próprio em uma rede social. Por esse motivo, objetivou-se com esse estudo verificar como as crianças e adolescentes utilizam o *Facebook*, e quais as suas percepções a respeito da segurança nessa rede social.

Entendendo a necessidade de promoção de ações relativas à segurança no uso das redes sociais por parte das crianças, foi realizado na escola pesquisada um curso para orientação sobre o uso seguro de informações pessoais no *Facebook*. O projeto intitulado: “Quem mexeu no meu face?” foi realizado com 20 crianças e adolescentes, na faixa etária de 9 a 14 anos, de uma escola pública estadual, da cidade do Recife -PE. Os alunos se inscreveram livremente, no curso, a partir de cartazes espalhados pela escola. Inicialmente foi aplicado o questionário *online*, como um diagnóstico, com vistas a identificar o perfil de uso, suas preferências e o conhecimento prévio acerca de segurança no *Facebook*. Em três encontros, com 4 horas de duração cada um, os alunos foram orientados de como utilizar mecanismos de privacidade que garantissem uma utilização segura do *Facebook*. Os dados obtidos através do questionário *online* e da observação do curso permitiram conhecer o modo como esses alunos utilizam essa rede social e quais os seus conhecimentos sobre segurança.

Alguns estudos realizados sobre o uso da internet, pelas crianças, apontam as redes sociais como o espaço em que elas dedicam a maior parte de tempo de utilização da internet. As interações favorecidas por esse ambiente, com destaque especial ao *Facebook*, provocam discussões importantes sobre as possibilidades de comunicação e relacionamento e contrariamente, os riscos advindos dessa utilização. Na primeira parte deste estudo discutiremos o potencial interativo das redes sociais e os usos e apropriações das crianças e adolescentes, no *Facebook*.

⁴ A pesquisa TIC Kids Online Brasil 2012, realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil, (CGI.br), teve por objetivo “medir usos e hábitos da população brasileira usuária de Internet de 9 a 16 anos em relação às tecnologias de informação e de comunicação (TIC), focando as oportunidades e riscos relacionados ao uso da Internet”.

É comum que os jovens utilizem as redes sem terem ao menos sido instruídas por adultos, sobre a utilização segura das mesmas. Eles acabam desenvolvendo habilidades espontâneas e tomando atitudes com base em suas percepções de segurança. A segunda parte desse estudo propõe, portanto, esboçar as experiências, as práticas habituais, o modo como utilizam suas informações pessoais e os mecanismos de segurança que as crianças e adolescentes fazem uso em seu perfil do *Facebook*.

Muitas crianças estabelecem relações pessoais intensas e diárias por meio do *Facebook*. Isso nos inquieta pensar quais pessoas às orientam e que tipo de orientação elas recebem. As mediações que a família e a escola estabelecem com os jovens, influenciam no modo como estes realizam suas atividades no *Facebook*. Este é um papel fundamental que a escola e os familiares possuem no uso consciente e, sobretudo seguro, do *Facebook*. Na terceira parte deste artigo, será analisada a procedência das orientações quanto à privacidade e segurança no *Facebook* e, a importância da participação dos adultos nessas definições.

Os jovens e o *Facebook*

Os aparatos tecnológicos ocupam parte cada vez maior do dia a dia dos jovens e certamente, modificam o modo como eles fazem e atuam sobre as coisas - desde jogar até a forma como se relacionam. Interações diárias são travadas através das redes sociais, equivalendo a contatos grupais que são estabelecidos no modo presencial. O desenvolvimento tecnológico permitiu a criação de laços sociais que são dispersos no espaço. A troca de mensagens, a expressão de sentimentos através de *smiles* e *emoticons*, a discussão e o envolvimento proporcionados pelas redes sociais são características da vida diária, que se transpõe para o espaço cibernético.

A mediação pelo computador, por exemplo, gerou outras formas de estabelecimento de relações sociais. As pessoas adaptaram-se aos novos tempos, utilizando a rede para formar novos padrões de interação e criando novas formas de sociabilidade e novas organizações sociais. (RECUERO, 2009, p. 89).

O *Facebook*, como uma rede social frequentada por um público de todas as idades, traz consigo o seu caráter dinâmico e convergente. A multiplicidade de usos e aplicativos disponíveis dentro de um mesmo ambiente proporciona ao usuário a comodidade de realizar várias ações na internet (como jogar, assistir a vídeos, bater papo) sem a necessidade sair daquela página.

As crianças e adolescentes como fortes usuários dessa rede social tendem a permanecerem conectados por longos períodos de tempo, utilizando as ferramentas disponíveis, com pouco ou nenhum cuidado em relação a sua privacidade. De acordo com a Declaração de Direitos e Responsabilidades⁵ do *Facebook*, os usuários menores de 13 anos são orientados a não utilizarem. Entretanto, para transpor tal orientação, os jovens burlam sua idade para cadastrarem-se na rede social. Na pesquisa realizada, 90% dos sujeitos tinham abaixo de 13 anos de idade e todos eles possuíam conta no *Facebook*.

Na Política de Usos dos Dados⁶, o *Facebook* aconselha os pais “a ensinarem seus filhos sobre as práticas seguras da Internet” disponibilizando “medidas de segurança especiais” que podem ser adotadas através da Central de Segurança⁷ da Família. Todas essas ferramentas de privacidade são apresentadas com o intuito de que os usuários as conheçam e possam utilizá-las como auxílio para tomar decisões, com base nas informações pessoais fornecidas. Cabe à família a preservação pela segurança dos menores de idade no uso dessa rede social, optando por ferramentas e recursos que os mantenham seguros.

Facebook: usos e apropriações

O *Facebook* tornou-se a rede social preferida dos brasileiros nos últimos tempos, segundo dados da recente do relatório eMarketer 2013⁸. Troca de mensagens, imagens, vídeo e toda a convergência proporcionada por essa rede social, ganha cada vez mais

⁵ <https://pt-br.facebook.com/legal/terms>

⁶ <https://pt-br.facebook.com/about/privacy>

⁷ <https://pt-br.facebook.com/safety>

⁸ Fonte: Serasa Experian Hitwise. Disponível em: <<http://www.emarketer.com/Article/What-Some-Key-Differences-Social-Activity-Around-World/1010104>>. Acesso em: [30.08.2013]

espaço no cotidiano das pessoas. Em nossa pesquisa, sete em cada dez alunos afirmam ficar mais de 3 horas por dia, conectados ao *Facebook*. Levando em consideração que a maior parte das escolas regulares tem 4 horas/aula por dia, é possível depreender disso, que os alunos dedicam ao *Facebook* a mesma carga-horária (ou mais) que o tempo de permanência na escola.

Algumas reflexões surgem dessa análise: o que fazem esses alunos em cada um desses dois ambientes – escola e *Facebook* - ainda tão distintos? O que de fato os atraiem a permanecerem mais de 3 horas por dia no *Facebook*? Que tipo de ações educativas a escola tem buscado atrelar a esse uso, pelos alunos? Os pais orientaram o uso, ou ao menos sabem o que seus filhos fazem nessa rede social? Parte dessas indagações será respondida ao longo deste artigo, tomando como base as investigações feitas durante a pesquisa.

O *Facebook* tem uma característica muito peculiar: o seu layout é elaborado buscando uma maior simplicidade para o usuário. Desse modo, qualquer um que o utilize por pouco tempo, logo terá domínio de boa parte das ferramentas, assim como, terá definido quais as preferências de uso, dentre os recursos disponíveis. As opções mais utilizadas pelos sujeitos pesquisados tem relação direta com a interatividade proporcionada pela rede social. 68% afirmam *bater papo com alguém* todas as vezes que acessam o *Facebook*. De todas as opções disponíveis essa foi a mais assinalada pelos alunos. Essa predileção pelas trocas de mensagens instantâneas poderia ser utilizada pela escola, uma vez que, ela requer habilidades muito específicas de linguagem e de comunicação interpessoal, tão presentes na vida do aluno e tão distante do contexto escolar.

A segunda opção mais utilizada pelos alunos são os *jogos online*. Metade dos sujeitos afirmou jogar todas as vezes que acessa a rede social. Naturalmente o jogo, o lúdico e o brincar já fazem parte do dia a dia das crianças. No *Facebook*, essa atividade ganha um elemento a mais, que é a interação com pessoas de todas as partes do planeta. David Buckingham, 2010, afirma que:

O uso desses *games* é também uma atividade de multiletramento: geralmente envolve a interpretação de complexos ambientes visuais tridimensionais, leitura tanto de texto *on-screen* quanto *off-screen* (tais como jogos/games, revistas e sites da Internet) e processamento de informações auditivas.

Desse modo, ganhos significativos na capacidade de processamento das informações e, novas estratégias de aprendizagem poder ser promovidos no ambiente educacional. É importante também promover espaços para discussão do potencial atrativo que os jogos possuem e o conseqüente uso excessivo desses games, pelos jovens.

Em terceiro lugar, as opções “*comentar e curtir as publicações dos amigos*” e “*compartilhar fotos, vídeo e status*” aparecem cada uma com 45%, da preferência dos jovens. É indiscutível a interação que os alunos estabelecem na rede social. Diariamente eles estão estabelecendo elos com outras pessoas e construindo aquilo que Castells (2003) chama de sociedade em rede, ou seja, nós interligados que promovem, a socialização, a autonomia, a colaboração e a participação ativa nos diversos espaços midiáticos.

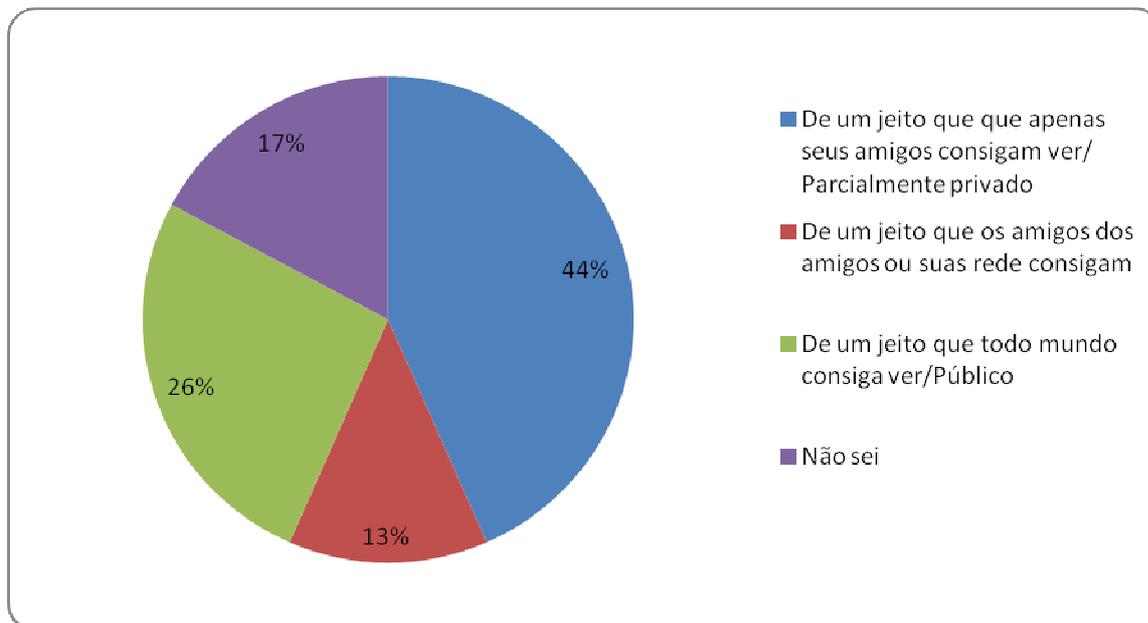
André Lemos (2003), entretanto, alerta para o fato de que essa sociedade, naturalmente acelerada, e movida pelo clique generalizado, acaba muitas vezes inibindo a reflexão, o discurso bem construído e a argumentação. Nesse espaço, a escola desempenha um forte papel de promotora de diálogos em torno da cibercultura e principalmente, deve tornar-se local permanente de uso e reflexão de tecnologias.

Informações pessoais, privacidade e segurança

Por tratar-se de uma rede social com mais de 750 milhões de usuários, é natural que os interesses de uso dessa rede sejam diversos. Nesse sentido, algumas informações pessoais, disponíveis no *Facebook* podem servir para reencontrar pessoas e estabelecer vínculos de afetividade, ao mesmo tempo em que colocam em risco a vida privada dos usuários.

Questionados sobre “*que tipo de privacidade você usa no seu perfil do Facebook*” curiosamente temos alguns conjuntos de dados a observar. Os primeiros dados são extraídos do questionário *online*, respondido através do G-docs e outros dados foram coletados por meio de observação. O gráfico abaixo apresenta as respostas do questionário:

Gráfico 1 - Tipo de privacidade adotada no perfil do *Facebook*.



Fonte - Produção do autor.

A maioria dos alunos afirma “privar” seu *Facebook*, deixando-o disponível apenas para amigos. 26% declaram deixar seu perfil público, podendo ser acessado por qualquer pessoa, mesmo fora da sua rede de contatos e 4 alunos afirmaram não saber, sequer, qual tipo de privacidade utiliza. Os dados acima apontam o quão vulneráveis estão esses sujeitos dentro da rede social. Mais da metade revelam deixar seu perfil visível para pessoas que eles não conheçam, o que exige um rigor muito maior da família, quanto ao uso do *Facebook* pelos jovens.

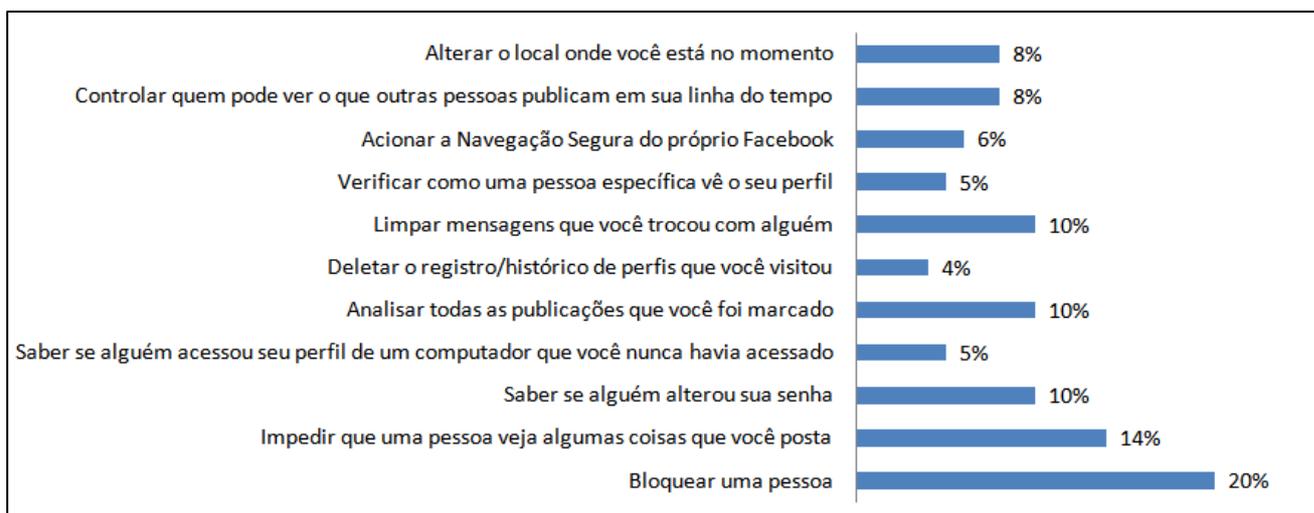
A situação se agrava ainda mais, quando na observação feita, foi possível perceber que 92% dos alunos deixavam seu perfil acessível para qualquer pessoa. Esses dados entram em contradição com os dados expostos, acima. De fato, aqueles que afirmaram, no questionário, manter seu *Facebook* privado e, na verdade, o mantinha público, desconheciam o que era essa configuração de privacidade e como fazer para ativá-la. Supunham, na verdade, que o próprio *Facebook* mantinha seus dados e postagens disponíveis apenas para sua rede de contatos, não necessitando de ativação por parte do usuário.

Essas constatações trazem alertas importantes para os jovens, a família e a escola. É preciso dialogar e orientar crianças e adolescentes quanto ao uso reflexivo e

seguro para que possam dispor de discernimento sobre o que fazem na rede. Embora dominem tecnicamente os usos mais corriqueiros da rede social, talvez não disponham de maturidade suficiente para discernir o que publicar e o que proteger, e essa é uma questão de natureza eminentemente educacional.

Embora parte das informações no *Facebook* fique, inevitavelmente, disponíveis na rede, é possível alterar algumas configurações de privacidade. Os alunos afirmam, no questionário, conhecer as possibilidades de restrições que podem ser adotadas, no *Facebook*, conforme gráfico abaixo, embora, na prática 80% deles não soubessem realizar mais do que três das ações listadas.

Gráfico 2 – Possibilidades de restrições de privacidade no perfil do *Facebook*.



Fonte - Produção do autor.

Algumas ações capazes de promover um uso mais restrito e seguro, prevenindo possíveis invasões, como *Acionar a Navegação Segura do próprio Facebook* – que permite que todas as atividades no *Facebook* se tornem criptografadas, dificultando que alguém acesse informações sem a permissão do usuário - e *Saber se alguém acessou seu perfil de um computador que você nunca havia acessado* – capaz de permitir notificações de login a partir de computadores e dispositivos móveis que o usuário não havia acessado antes - eram opções das quais eles nunca haviam escutado falar. Ora, mas qual motivo levava-os a afirmar no questionário coisas que, na verdade, desconheciam na prática? Em conversa informal, foi possível constatar certo receio em

assumir que não dominavam mecanismos de segurança, temendo parecerem inexperientes ou incapazes de usar o *Facebook* e, dessa forma, serem repreendidos e, conseqüentemente impedidos de usá-lo.

Assim como no questionário, na realização de ações na prática, as opções que envolviam estabelecer restrições de visualização ou bloquear determinada pessoa eram as ações mais conhecidas pelos alunos. Eles assumiram, inclusive, realizar essas práticas com os próprios pais, evitando assim o acompanhamento e a fiscalização da família. Os alunos demonstram um nível de habilidade técnica atrelado às tentativas de ludibriar possíveis ações de vigilância, muito superior, talvez, aquelas utilizadas pelos responsáveis e pela escola. Um destaque adicional precisa ser feito: pais e professores necessitam não apenas fazer uso da rede social, mas dominá-la e conhecer muito bem os recursos disponíveis, capazes de promover um uso seguro pelos jovens e um acompanhamento mais efetivo pela família e comunidade escolar.

Dados da pesquisa alertam para aspectos importantes no relacionamento pais, filhos e *Facebook*. 57% dos alunos afirmam conhecer muito mais de *Facebook* do que os próprios pais, o que não nos causa surpresa, tendo em vista a facilidade e a rapidez com que esses jovens se apropriam das novas mídias e, da frequência de uso ser, em grande parte, superior a de seus pais. Uma relação saudável entre pais e filhos é sem dúvida o melhor caminho para diminuir o abismo que os separam. De um lado estão as crianças e adolescentes, utilizando as redes sociais com habilidades cada dia maiores e mais aceleradas, e de outro está à família – e também a escola – tentando acompanhar, ou simplesmente não se importando com o que acontece no mundo virtual (que é real!).

Nesse contexto, por mais controverso que pareça, mais da metade dos jovens afirma que gostaria que os pais soubessem ainda mais o que eles fazem no *Facebook*. O que ocorre é que eles sentem a necessidade da família por perto partilhando dos mesmos relacionamentos, conversando assuntos comuns e, sobretudo, participando desse espaço da vida social. Uma aluna relatou que depois que a mãe criou um perfil no *Facebook*, elas se tornaram mais próximas: “*Eu passei a conversar mais com minha mãe em casa, sobre meus amigos, meus gostos, as coisas que acontecem na escola, sobre tudo, tudo mesmo*” (Estudante 5)⁹.

⁹ Aluna 5 – 10 anos de idade, 6º ano do Ensino Fundamental.

Esse estreitamento dos laços é fundamental na orientação quanto ao uso de informações pessoais e relacionamentos nas redes sociais. Família, escola, e estudantes precisam conversar habitualmente sobre esses temas e entender que esse é um local de convivência dos jovens e, portanto, requer atenção e diálogo. Não é necessário, porém, tornar-se um ambiente de cuidado extremo e meticuloso por parte da família e da escola. Quando a rede social se torna alvo de investigação pelos adultos, ela torna-se objeto de competição para os jovens. Enquanto os adultos se esforçam para fiscalizar o que acontece por lá, as crianças e adolescentes encontram rapidamente mecanismos para burlar o monitoramento. O mais interessante a fazer é estabelecer uma conversa amistosa, capaz de orientar e sugerir formas de uso seguro do *Facebook*, ao mesmo tempo em que estabelece acordos de uso.

Orientações sobre segurança: quem orienta e como são orientados

Em boa parte das famílias e escolas, os jovens possuem uma habilidade de manuseio das redes sociais superior aos adultos, embora existam aspectos em que é indispensável, a figura dos responsáveis. Dados da pesquisa apontam que, em 29% dos casos, a origem da ajuda para uso do *Facebook* é, em sua maioria, por parte dos pais ou responsáveis, seguido de 26% que encontram nos amigos a sua fonte consulta. Em contrapartida, 26% dos alunos declararam *nunca pedir ajuda a ninguém*, o que demonstra uma alerta significativa para a falta de acompanhamento dos adultos e a consequente, autossuficiência dos jovens no uso das redes sociais. Isso traz a tona, indagações como: quão seguros estão os jovens nas redes sociais? Até que ponto existe maturidade para discernir entre o que deixar disponível e o que privar? A pesquisa TIC Kids faz a seguinte alerta:

A enorme potencialidade comunicacional das redes – que certamente pode trazer benefícios à socialização de crianças e adolescentes – também produz riscos do ponto de vista da privacidade, na medida em que boa parcela dos usuários de redes sociais faz um compartilhamento irrestrito de informações de caráter pessoal. (BARBOSA, 2013).

Questionados sobre o tipo de orientação que receberam de seus pais, quanto ao uso do *Facebook*, a maioria dos estudantes afirmou ser *alertado sobre o que é bom ou ruim dentro da rede social (30%) e deu sugestões de como se comportar com alguém (20%)*. Os dados demonstram certa preocupação dos pais em deixar seus filhos cientes dos perigos disponíveis na rede. De toda forma, as orientações se reduzem a esses dois aspectos e não se aprofundam em questões ligadas à exposição, vulnerabilidade, violação de dados pessoais e de privacidade, rastreamento da localização geográfica, etc, o que evidencia a superficialidade (associada ao desconhecimento) do aconselhamento fornecido pelos pais.

A escola desempenha um forte papel quanto à orientação para uso seguro das redes sociais. Para muitos alunos esse é o local privilegiado de diálogo e interação com pessoas mais experientes, capazes de orientá-los. O apoderamento proporcionado pelas redes sociais e a consequente exposição potencializada pela cibercultura são elementos centrais daquilo que deve ser a preocupação principal das escolas. Em boa parte dos ambientes escolares, esses temas são dispensados de atenção, por julgarem que as crianças, nascidas na era digital, possuem habilidades suficientes para se relacionar com outras pessoas no mundo virtual.

Algumas considerações

As redes sociais ocupam parte importante do tempo de uso da internet da maioria dos jovens. Cada rede social resguarda a sua funcionalidade e usuários migram entre elas visando atender aos seus objetivos (troca de mensagens rápidas, postagem de fotos, jogos *online*). O *Facebook* por tratar-se de uma rede que converge várias funcionalidades, além da opção dos aplicativos integrados, é a rede social mais acessada e conseqüentemente, aquela que requer maior atenção e cuidado por parte dos usuários.

O uso prolongado dessa rede social traz consigo possibilidades e fragilidades. As interações – e a consequente possibilidade de multiletramento – a colaboração e a troca de informações, são ganhos significativos que podem ser potencializados no seu uso. Por outro lado, os jovens estão cada vez mais expostos no *Facebook* porque lhes falta orientação por parte da família e da escola. Embora dominem tecnicamente as

ferramentas disponíveis na rede social, ainda não possuem maturidade e discernimento para se resguardar dos eventuais perigos da web, conforme nos afirma Buckingham (2007) “A proliferação de novas mídias, e as características da Internet em particular, exigem novas e significativas habilidades em termos de como localizar, selecionar e avaliar a informação” e, é nesse último ponto que a mediação dos adultos se torna fundamental.

A agilidade com que aprendem a utilizar ferramentas e aplicativos disponíveis no *Facebook* é tão intensa que supera o controle e o acompanhamento da família. Visando burlar a fiscalização realizada pelas pessoas de casa, os jovens lançam mão de mecanismos de restrição que inviabilizam o acompanhamento pelos pais. O diálogo e o acordo ainda são os meios mais eficazes para garantir um uso seguro da rede social.

Embora a origem da orientação, para uso seguro, seja em grande maioria da família, essa tem sido insuficiente e, portanto, tem surtido pouco efeito nas ações de privacidade optadas pelas crianças e adolescentes. A falta de aprofundamento e o próprio desconhecimento de alguns pais deixam lacunas enormes no comportamento usual dos filhos, na internet.

Enquanto em casa a família pouco é recorrida quando surgem as necessidades por parte das crianças, a escola sequer foi citada como local de busca por informações relativas à segurança nas redes sociais. Isso evidencia a tremenda distância entre o espaço de aprendizagem e a vida social dos jovens. Esse é um desafio que as escolas precisam encarar, uma vez que este é o espaço de troca de conhecimentos essenciais à vida em social.

Sem enxergar o uso de redes sociais com o moralismo e o temor da destruição das gerações pela falta de segurança, ou com o otimismo exacerbado que pressupõe uma natural - quase biológica - habilidade de uso pelos jovens, propomos pensar em grandes possibilidades de atrelar os usos comuns no *Facebook* e as lacunas de conhecimento sobre segurança, como ponte para o diálogo e a reflexão – entre alunos, família e escola - discutindo aspectos ligados à privacidade na era digital.

Lista de ilustrações

Gráfico 1 - Tipo de privacidade adotada no perfil do *Facebook*.

Gráfico 2 – Possibilidades de restrições de privacidade no perfil do *Facebook*.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Alexandre F. **TIC Kids Online Brasil 2012**: pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2013.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 10.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

LEMOS, André. Ciberultura. Alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, André. CUNHA, Paulo (orgs). **Olhares sobre a ciberultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.